

**DIREITO, SUSTENTABILIDADE E CAMPESINATO VARZEANO:
RISCOS, VULNERABILIDADES E POTENCIALIDADES EM
PERSPECTIVA**

**LAW, SUSTAINABILITY AND FLOODPLAIN PEASANTRY: RISKS,
VULNERABILITIES, AND POTENTIALITIES IN PERSPECTIVE**

**DERECHO, SOSTENIBILIDAD Y CAMPESINADO DE VÁRZEA: RIESGOS,
VULNERABILIDADES Y POTENCIALIDADES EN PERSPECTIVA**

Antônio Ferreira do Norte Filho¹, Mônica Suani Barbosa da Costa², Therezinha de Jesus Pinto Fraxe³, Naira Neila Batista de Oliveira Norte⁴, Danielle Costa de Souza Simas⁵, Ana Carolina Soares Souza⁶, Maycon Viturino da Silva⁷

DOI: 10.54899/dcs.v22i82.3404

Recibido: 29/08/2025 | **Aceptado:** 01/09/2025 | **Publicación en línea:** 18/09/2025.

RESUMO

O artigo aborda as condições de vida e trabalho das comunidades camponesas que habitam as várzeas da Amazônia, analisando os riscos, vulnerabilidades e potencialidades sob a perspectiva da sustentabilidade. O campesinato varzeano caracteriza-se por práticas produtivas adaptadas ao regime de cheias e vazantes, como a roça de toco, a pesca artesanal e o extrativismo, baseadas no conhecimento tradicional e na lógica de subsistência. No entanto, essas comunidades enfrentam uma série de desafios estruturais, como o isolamento geográfico, a ausência de políticas públicas eficazes, a baixa escolaridade, o acesso precário a tecnologias sustentáveis e a invisibilidade política. As ameaças externas, como a expansão do agronegócio, a grilagem de terras, o desmatamento, a mineração ilegal e as mudanças climáticas, agravam a situação de vulnerabilidade social, econômica e ambiental desses grupos. Além disso, a perda dos saberes tradicionais e a precarização das cadeias produtivas locais dificultam a construção de alternativas sustentáveis. Apesar desse cenário adverso, o artigo destaca importantes potencialidades do

¹ Doutor em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM), Faculdade Santa Teresa, Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: nortefilho@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5946-3291>

² Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: monicasuanicosta@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9274-4327>

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: tecafraxe@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9974-214>

⁴ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: nairanorte@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0552-6904>

⁵ Mestre em Direito Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Processamento de Dados Amazonas S.A (PRODAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail dani_souza1403@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6104-3563>

⁶ Mestranda em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: anacarolinass703@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9889-9307>

⁷ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FAMETRO, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: mayconviturino70@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3352-7252>

campesinato varzeano, como o profundo conhecimento ecológico tradicional, a diversidade produtiva agrícola e extrativista, a força da organização comunitária e o crescente acesso a mercados alternativos como a economia solidária e os programas de compras públicas (PAA e PNAE). Essas características evidenciam que o campesinato não é apenas resistente, mas também protagonista de um modelo de desenvolvimento mais justo, inclusivo e ambientalmente equilibrado. A sustentabilidade dessas comunidades depende de políticas públicas específicas, do reconhecimento jurídico dos territórios tradicionais, da valorização dos modos de vida locais e do fortalecimento das economias de base comunitária. O artigo conclui que apostar nas potencialidades do campesinato varzeano é essencial para promover a sustentabilidade da Amazônia como um todo, protegendo seus recursos naturais e seus povos.

Palavras-chave: Amazônia. Riscos socioambientais. Conhecimento tradicional. Desenvolvimento sustentável. Agricultura familiar.

ABSTRACT

The article addresses the living and working conditions of peasant communities inhabiting the floodplains of the Amazon, analyzing risks, vulnerabilities, and potentialities from the perspective of sustainability. The floodplain peasantry is characterized by productive practices adapted to the flood and ebb regime, such as shifting cultivation, artisanal fishing, and extractivism, based on traditional knowledge and a subsistence logic. However, these communities face a series of structural challenges, such as geographical isolation, the absence of effective public policies, low levels of education, precarious access to sustainable technologies, and political invisibility. External threats, such as the expansion of agribusiness, land grabbing, deforestation, illegal mining, and climate change, exacerbate the situation of social, economic, and environmental vulnerability of these groups. Furthermore, the loss of traditional knowledge and the precariousness of local production chains hinder the construction of sustainable alternatives. Despite this adverse scenario, the article highlights important potentialities of the floodplain peasantry, such as profound traditional ecological knowledge, agricultural and extractive productive diversity, the strength of community organization, and the growing access to alternative markets such as solidarity economy and public procurement programs (PAA and PNAE). These characteristics show that the peasantry is not only resistant but also a protagonist of a fairer, more inclusive, and environmentally balanced development model. The sustainability of these communities depends on specific public policies, legal recognition of traditional territories, appreciation of local ways of life, and the strengthening of community-based economies. The article concludes that investing in the potentialities of the floodplain peasantry is essential to promote the sustainability of the Amazon as a whole, protecting its natural resources and its peoples.

Keywords: Amazon. Socio-environmental risks. Traditional knowledge. Sustainable development. Family farming.

RESUMEN

El artículo aborda las condiciones de vida y trabajo de las comunidades campesinas que habitan las várzeas de la Amazonía, analizando los riesgos, vulnerabilidades y potencialidades desde la perspectiva de la sostenibilidad. El campesinado de várzea se caracteriza por prácticas productivas adaptadas al régimen de crecientes y bajantes, como la roza de toco, la pesca artesanal

y el extractivismo, basadas en el conocimiento tradicional y en la lógica de subsistencia. Sin embargo, estas comunidades enfrentan una serie de desafíos estructurales, como el aislamiento geográfico, la ausencia de políticas públicas eficaces, la baja escolaridad, el acceso precario a tecnologías sostenibles y la invisibilidad política. Las amenazas externas, como la expansión del agronegocio, la apropiación ilegal de tierras, la deforestación, la minería ilegal y los cambios climáticos, agravan la situación de vulnerabilidad social, económica y ambiental de estos grupos. Además, la pérdida de saberes tradicionales y la precarización de las cadenas productivas locales dificultan la construcción de alternativas sostenibles. A pesar de este escenario adverso, el artículo destaca importantes potencialidades del campesinado de várzea, como el profundo conocimiento ecológico tradicional, la diversidad productiva agrícola y extractivista, la fuerza de la organización comunitaria y el creciente acceso a mercados alternativos como la economía solidaria y los programas de compras públicas (PAA y PNAE). Estas características evidencian que el campesinado no es solo resistente, sino también protagonista de un modelo de desarrollo más justo, inclusivo y ambientalmente equilibrado. La sostenibilidad de estas comunidades depende de políticas públicas específicas, del reconocimiento jurídico de los territorios tradicionales, de la valorización de los modos de vida locales y del fortalecimiento de las economías de base comunitaria. El artículo concluye que apostar por las potencialidades del campesinado de várzea es esencial para promover la sostenibilidad de la Amazonía en su conjunto, protegiendo sus recursos naturales y sus pueblos.

Palabras clave: Amazonía. Riesgos socioambientales. Conocimiento tradicional. Desarrollo sostenible. Agricultura familiar.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A Amazônia abriga uma diversidade de modos de vida que coexistem com o ambiente natural, entre os quais se destaca o campesinato varzeano, comunidades que vivem e trabalham nas várzeas dos rios amazônicos. Essa forma de organização social e econômica possui especificidades que a tornam ao mesmo tempo vulnerável e potente frente às questões da sustentabilidade. A análise dos riscos, vulnerabilidades e potencialidades do campesinato varzeano se torna fundamental para promover políticas públicas, estratégias de manejo e práticas socioambientais mais justas e duráveis (Little, 2002).

O conceito de Sustentabilidade refere-se à capacidade de suprir as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações satisfazerem as suas. Essa definição, consagrada no Relatório Brundtland (1987), abrange dimensões ambientais, sociais, culturais e econômicas. No contexto amazônico, sustentabilidade também implica respeitar os

ciclos naturais dos ecossistemas e os saberes tradicionais das populações que historicamente ocupam esses territórios (Diegues, 2000).

O trabalho camponês na várzea amazônica é caracterizado por práticas agrícolas adaptadas ao regime de cheias e secas, como a roça de toco, o plantio de mandioca, a pesca artesanal e a criação de pequenos animais. Essas atividades seguem uma lógica de subsistência e troca local, que, em muitos casos, respeita os limites dos recursos naturais. A sustentabilidade aqui se manifesta pela convivência harmônica entre o homem e o meio, embora ameaçada por pressões externas (Mendonça et al., 2020).

A Amazônia enfrenta desafios constantes à sustentabilidade: avanço do agronegócio, desmatamento ilegal, mudanças climáticas, mineração, e políticas públicas insuficientes ou mal aplicadas. O campesinato varzeano, por depender diretamente do equilíbrio ecológico, sofre de forma mais intensa esses impactos (Santos, 2001). Além disso, a ausência de infraestrutura básica, como educação, saúde e acesso a mercados, fragiliza ainda mais essa população.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo identificar os riscos, vulnerabilidades e potencialidades do campesinato varzeano sob a ótica da sustentabilidade. O estudo está organizado em quatro eixos principais: (i) a relação entre subsistência e sustentabilidade, evidenciando os desafios do trabalho rural amazônico; (ii) as vulnerabilidades estruturais e ambientais que fragilizam a reprodução social e econômica dessas comunidades; (iii) as ameaças externas que comprometem a continuidade de seus modos de vida; e (iv) as potencialidades do campesinato, como o conhecimento ecológico tradicional, a diversidade produtiva e a força da organização comunitária, que se configuram como caminhos estratégicos para um desenvolvimento justo, inclusivo e ambientalmente equilibrado.

ENTRE A SUBSISTÊNCIA E A SUSTENTABILIDADE: DESAFIOS DO TRABALHO RURAL NA AMAZÔNIA

O debate entre trabalho de subsistência e trabalho sustentável tem ganhado cada vez mais espaço nas reflexões sobre o desenvolvimento rural e a sustentabilidade socioambiental, especialmente em contextos como o da Amazônia, onde o campesinato varzeano desempenha um papel fundamental na manutenção da diversidade ecológica e cultural da região.

O trabalho de subsistência é caracterizado por atividades produtivas realizadas predominantemente para o autoconsumo, ou seja, para suprir as necessidades básicas da própria

família ou comunidade, com pouca ou nenhuma inserção em circuitos de mercado (Diegues, 2000). Trata-se de uma lógica econômica que prioriza a reprodução social do grupo em vez da acumulação de capital, estando fortemente vinculada ao conhecimento tradicional, ao uso comunitário da terra e à sazonalidade dos recursos naturais.

Segundo Altieri (2004), os sistemas agrícolas tradicionais, como os encontrados nas comunidades varzeanas, são geralmente baseados em práticas agroecológicas que respeitam os ciclos naturais e a biodiversidade local, sendo eficientes do ponto de vista ecológico, embora economicamente pouco valorizados. No entanto, essas práticas frequentemente enfrentam a invisibilidade política e institucional, ficando à margem das políticas públicas de fomento ao desenvolvimento rural.

Por outro lado, o conceito de trabalho sustentável vai além da simples reprodução material da vida. Ele envolve uma perspectiva que integra a conservação dos recursos naturais, a justiça social, o fortalecimento das economias locais e a valorização cultural. De acordo com Santos (2001), um trabalho sustentável é aquele que promove não apenas a sobrevivência do indivíduo ou da comunidade, mas que também contribui para a construção de sociedades mais equitativas e ambientalmente equilibradas.

Na prática, a transição entre o trabalho de subsistência e o trabalho sustentável representa um dos maiores desafios enfrentados pelo campesinato varzeano. Essa transição exige não apenas o acesso a tecnologias apropriadas, capacitação e infraestrutura, mas também o reconhecimento das práticas tradicionais como legítimas e eficazes formas de manejo dos recursos naturais (Mendonça et al., 2020). Ou seja, não se trata de substituir os saberes locais por modelos externos, mas de construir estratégias de desenvolvimento sustentável que dialoguem com a realidade e a cultura das populações tradicionais.

Toledo (1990) reforça que a sustentabilidade em territórios camponeses depende de políticas que valorizem a multifuncionalidade da agricultura familiar, incluindo sua função social, ecológica e cultural. Portanto, transformar o trabalho de subsistência em trabalho sustentável é, antes de tudo, uma questão de justiça ambiental e reconhecimento dos direitos territoriais e culturais das comunidades locais.

Podemos dizer que, o trabalho de subsistência e o trabalho sustentável não devem ser vistos como categorias opostas, mas como pontos de uma trajetória que pode, e deve, ser construída com base na valorização dos saberes tradicionais, no fortalecimento das organizações comunitárias e no apoio estatal às formas de produção que respeitam a natureza e a diversidade

cultural da Amazônia.

DESAFIOS E VULNERABILIDADES DO TRABALHO CAMPONÊS FRENTE À SUSTENTABILIDADE

O campesinato varzeano da Amazônia constitui uma das expressões mais complexas e resilientes da relação entre sociedade e natureza no Brasil. No entanto, apesar de sua importância para a conservação ambiental e para a segurança alimentar regional, essas comunidades enfrentam diversas vulnerabilidades que ameaçam sua permanência nos territórios e a sustentabilidade de seus modos de vida. Essas fragilidades resultam de fatores estruturais, políticos, econômicos e ambientais, que se manifestam de forma interligada.

Uma das ameaças mais urgentes é a pressão do agronegócio e da grilagem de terras. Como destaca Diegues (2000), a expansão das fronteiras agrícolas baseadas na monocultura e na pecuária extensiva implica na ocupação predatória de áreas tradicionalmente habitadas por povos e comunidades tradicionais. A grilagem, prática recorrente na Amazônia, é responsável por inúmeros conflitos fundiários, estimulando a expulsão de comunidades varzeanas de seus territórios. Essa lógica de expropriação se sustenta por um modelo de desenvolvimento excludente, como apontam Porto-Gonçalves (2006) e Acseirad (2004), que privilegia o capital e desconsidera as práticas socioeconômicas sustentáveis das populações locais.

Outro fator crítico é a dificuldade de acesso às políticas públicas, principalmente aquelas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, como crédito, assistência técnica e investimentos em infraestrutura. Os varzeanos, frequentemente isolados geograficamente, enfrentam obstáculos logísticos e burocráticos para acessar programas como o PRONAF. Conforme Abramovay (1997), o Estado brasileiro historicamente não reconhece plenamente a diversidade das formas de vida camponesa, o que resulta em políticas públicas homogêneas, desenhadas a partir de realidades que ignoram as especificidades do campo amazônico. Sem apoio técnico e financeiro adequado, os produtores tornam-se reféns de atravessadores e permanecem em condição de vulnerabilidade econômica.

Os impactos das mudanças climáticas também têm provocado transformações profundas nas dinâmicas ecológicas das várzeas. Segundo Mendonça et al. (2020), as alterações nos regimes de cheias e secas têm se intensificado, comprometendo práticas como o plantio sazonal e a pesca artesanal. Essa instabilidade climática, como analisa Nobre (2014), afeta diretamente

comunidades que dependem de ciclos ecológicos estáveis para sua reprodução social. A redução do tempo de vazante, por exemplo, impede o cultivo de alimentos no tempo adequado, resultando em perdas nas colheitas e insegurança alimentar.

Além disso, o não reconhecimento jurídico e institucional dos territórios varzeanos agrava essas vulnerabilidades. A ausência de regularização fundiária coletiva deixa essas comunidades à mercê de invasores e impede o acesso a programas de proteção territorial e ambiental. Little (2002) argumenta que o Estado brasileiro ainda possui uma visão centralizadora e homogeneizadora sobre o território, desconsiderando as formas tradicionais de ocupação, como os territórios de uso comum e as práticas de mobilidade fluvial. Para Oliveira (2006), sem a titulação adequada, os direitos das populações tradicionais continuam fragilizados, e sua permanência nos territórios se torna incerta.

Essas vulnerabilidades são também reforçadas por uma narrativa dominante que desvaloriza o conhecimento tradicional e a multifuncionalidade da agricultura camponesa. Altieri e Toledo (2011) afirmam que os saberes ecológicos locais são essenciais para estratégias de adaptação climática e conservação da biodiversidade, mas ainda são ignorados pelas políticas públicas e pela ciência convencional. Essa marginalização do saber popular contribui para a invisibilidade política dos varzeanos.

Portanto, enfrentar essas vulnerabilidades exige uma abordagem intersetorial e intercultural, que envolva o reconhecimento legal dos territórios tradicionais, o acesso real a políticas públicas específicas, estratégias de adaptação às mudanças climáticas e a valorização dos saberes locais. A sustentabilidade do campesinato varzeano depende da superação de uma lógica de exclusão e do fortalecimento de sua autonomia produtiva, cultural e territorial.

AMEAÇAS À SUSTENTABILIDADE DO TRABALHO CAMPONÊS NA AMAZÔNIA

A sustentabilidade do trabalho camponês na Amazônia, especialmente nas regiões de várzea, encontra-se sob constante ameaça em razão de múltiplas pressões externas que afetam diretamente a reprodução social, econômica e ecológica das comunidades. As formas tradicionais de produção, baseadas em sistemas de uso coletivo da terra, manejo agroecológico e profundo conhecimento dos ciclos naturais, têm sido fragilizadas por transformações estruturais que ocorrem em ritmo acelerado. Estas ameaças impactam não apenas o ambiente físico, mas também as relações sociais, culturais e produtivas que sustentam o campesinato varzeano.

Uma das principais ameaças é a expansão da pecuária extensiva e das monoculturas em áreas próximas às comunidades ribeirinhas. Essa expansão, impulsionada pela lógica do agronegócio e pelo aumento da demanda por commodities, leva à substituição de ecossistemas diversos por paisagens agrícolas homogêneas. Como observa Porto-Gonçalves (2006), trata-se de uma ocupação do território que promove a exclusão das populações tradicionais e a homogeneização dos modos de vida. A degradação ambiental resultante do desmatamento, da compactação do solo e do uso intensivo de agrotóxicos compromete os recursos naturais dos quais depende o trabalho camponês, como a qualidade da água, a fertilidade do solo e a biodiversidade local.

Outra ameaça grave é a contaminação de rios por mercúrio e resíduos provenientes de garimpos ilegais, que tem se intensificado em diversas regiões da Amazônia. A atividade garimpeira, muitas vezes realizada em territórios sem qualquer fiscalização, utiliza mercúrio para separar o ouro, contaminando os corpos d'água e bioacumulando-se na fauna aquática, base alimentar e econômica das populações varzeanas. Segundo Fearnside (2019), a poluição dos rios por metais pesados compromete não apenas a saúde humana, mas também a viabilidade das atividades pesqueiras, essenciais à subsistência e geração de renda das comunidades ribeirinhas.

A perda de saberes tradicionais, por sua vez, representa uma ameaça menos visível, mas igualmente profunda. A crescente migração de jovens para os centros urbanos, motivada pela falta de oportunidades no campo, leva ao rompimento do ciclo intergeracional de transmissão de conhecimentos sobre agricultura, pesca, medicina tradicional e cultura local. Santos (2001) argumenta que esse processo resulta em um “desperdício da experiência”, enfraquecendo as bases culturais que sustentam as práticas sustentáveis desenvolvidas ao longo de gerações. A erosão dos saberes tradicionais não apenas empobrece o repertório cultural das comunidades, mas também compromete a capacidade de adaptação a novas realidades ambientais e sociais.

A precarização das cadeias produtivas locais, marcada pela dependência de atravessadores e intermediários, também representa uma ameaça concreta à sustentabilidade do trabalho camponês. Em muitos casos, os produtos gerados pelos varzeanos, como farinha, peixe, frutas, óleos e artesanato, são vendidos a preços irrisórios, enquanto os intermediários obtêm lucros consideráveis nos mercados urbanos. Conforme Altieri e Toledo (2011), a ausência de políticas públicas que fortaleçam a comercialização direta e a agroindustrialização local contribui para a marginalização econômica dessas populações e enfraquece sua autonomia. Essa relação desigual impede o reinvestimento nos sistemas produtivos, desestimula os jovens e perpetua um ciclo de

pobreza.

Em conjunto, essas ameaças revelam um quadro preocupante de desestruturação dos modos de vida camponeses na Amazônia. A sustentabilidade do trabalho varzeano, portanto, não depende apenas de práticas ambientais corretas, mas de um conjunto de fatores sociopolíticos que garantam o direito ao território, o reconhecimento dos saberes locais, o fortalecimento das economias regionais e a regulação efetiva das atividades predatórias. Defender o trabalho camponês sustentável é também defender a diversidade cultural, a soberania alimentar e a integridade dos ecossistemas amazônicos.

POTENCIALIDADES DO TRABALHO CAMPONÊS NA PERSPECTIVA DA SUSTENTABILIDADE

Apesar das diversas ameaças e vulnerabilidades que recaem sobre o campesinato varzeano na Amazônia, é fundamental reconhecer que essas comunidades também guardam potencialidades estratégicas para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, justo e territorialmente ancorado. Os camponeses amazônicos não são apenas vítimas das pressões externas, mas também protagonistas de práticas socioeconômicas resilientes e ambientalmente sustentáveis, que articulam conhecimento tradicional, diversidade produtiva e formas coletivas de organização.

Uma das principais potencialidades é o conhecimento ecológico tradicional sobre o manejo da terra e das águas. As populações varzeanas possuem uma compreensão sofisticada das dinâmicas do ecossistema amazônico, baseada em séculos de convivência com os ciclos das cheias e vazantes. Segundo Diegues (2000), esse saber tradicional é essencial para a gestão sustentável dos recursos naturais, pois envolve técnicas adaptadas às variações climáticas e à biodiversidade local, como o uso de roçados temporários, sistemas agroflorestais e manejo comunitário da pesca. Berkes et al. (2000) reforçam que o conhecimento ecológico tradicional é uma fonte legítima de informação para políticas de conservação e pode ser integrado a estratégias contemporâneas de sustentabilidade.

Outro aspecto fundamental é a diversidade de produtos da floresta e da agricultura familiar, que forma a base da economia varzeana. Os camponeses produzem alimentos como mandioca, arroz, milho, frutas nativas, além de extrair recursos da floresta como açaí, castanha-do-pará, óleos vegetais, madeira de manejo e produtos medicinais. De acordo com Altieri (2004),

a diversidade produtiva típica da agricultura camponesa é uma das maiores garantias de resiliência ecológica e segurança alimentar, especialmente em contextos vulneráveis a crises ambientais e de mercado. Nair (1993) também destaca os sistemas agroflorestais tropicais como modelos altamente eficientes de uso sustentável da terra, compatíveis com a lógica produtiva dos povos amazônicos.

A organização comunitária e o cooperativismo emergente são outras importantes expressões do potencial transformador do campesinato varzeano. Comunidades ribeirinhas têm investido em associações, cooperativas e fóruns de gestão territorial, buscando comercializar coletivamente seus produtos, acessar políticas públicas e garantir seus direitos territoriais. Conforme Carneiro (2008), essas formas de organização são fundamentais para que o campesinato dispute espaço político e econômico em um cenário amplamente dominado por interesses corporativos. Silva (2012) complementa ao afirmar que o cooperativismo solidário, quando enraizado em práticas locais, contribui para a emancipação econômica e a coesão social das comunidades rurais.

Além disso, há um crescente potencial para inserção em mercados de base ecológica e economia solidária. A valorização dos produtos agroecológicos, da sociobiodiversidade e das práticas sustentáveis tem criado novas oportunidades para os agricultores familiares, tanto no mercado institucional quanto no comércio justo e nas feiras agroecológicas. Mendonça et al. (2020) observam que o acesso a políticas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) tem sido um fator-chave para dinamizar a economia local e fortalecer as práticas sustentáveis. Segundo Gaiger (2011), a economia solidária, ao priorizar a cooperação e o protagonismo dos sujeitos, oferece alternativas reais ao modelo econômico excludente dominante.

Portanto, as potencialidades do trabalho camponês varzeano não se limitam à produção de alimentos, mas englobam um conjunto de saberes, práticas e formas organizativas que podem sustentar um modelo de desenvolvimento amazônico alternativo, baseado na justiça social, na conservação ambiental e na valorização da cultura local. Apoiar e investir nessas potencialidades significa reconhecer o papel central do campesinato na proteção da Amazônia e na construção de futuros sustentáveis e inclusivos.

METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada na revisão bibliográfica como principal procedimento metodológico. A escolha desse método visa reunir, analisar e interpretar contribuições teóricas de diferentes autores que abordam o trabalho camponês varzeano, seus desafios, ameaças e potencialidades, à luz da sustentabilidade socioambiental.

De acordo com Gil (2019), a revisão bibliográfica consiste em um levantamento sistemático dos principais estudos já realizados sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador compreender o estado atual do conhecimento, identificar lacunas e construir uma base teórica sólida para novas análises. Trata-se de uma metodologia adequada para pesquisas que não envolvem trabalho de campo, mas que buscam aprofundar discussões a partir de fontes secundárias confiáveis.

O levantamento bibliográfico foi realizado em livros, artigos científicos, relatórios técnicos, dissertações, teses e publicações institucionais. Foram utilizadas bases de dados como SciELO, Scopus, Google Scholar e repositórios universitários. A seleção das obras considerou sua relevância acadêmica, atualidade e pertinência com os eixos temáticos do estudo.

CONCLUSÃO

A análise das vulnerabilidades, ameaças e potencialidades do trabalho camponês varzeano à luz da sustentabilidade revela um cenário complexo, no qual convivem resistências históricas, pressões estruturais e oportunidades transformadoras. As comunidades varzeanas, embora frequentemente marginalizadas por políticas públicas e pelo modelo de desenvolvimento dominante, demonstram uma profunda capacidade de adaptação e de produção de alternativas sustentáveis que dialogam com os ciclos da natureza e com os saberes ancestrais.

As vulnerabilidades estruturais, como a exclusão do acesso a crédito, a assistência técnica precária, a ausência de regularização fundiária e a falta de reconhecimento institucional, fragilizam a sustentabilidade do trabalho camponês, colocando essas comunidades em situação de risco social, econômico e ambiental. Além disso, ameaças externas, como o avanço do agronegócio, a contaminação dos rios por atividades ilegais e a erosão dos saberes tradicionais, acentuam os desafios enfrentados por esses grupos, minando suas possibilidades de continuidade

e autonomia.

No entanto, é justamente nesse contexto adverso que emergem potencialidades significativas, como o uso de conhecimentos ecológicos tradicionais, a diversidade produtiva das roças e das florestas, a força da organização comunitária e as novas oportunidades trazidas por mercados alternativos, como a economia solidária e o comércio justo. Essas dimensões indicam que o campesinato varzeano não apenas resiste, mas também contribui ativamente para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, territorializado e socialmente justo.

Dessa forma, a sustentabilidade do trabalho camponês na Amazônia não será alcançada apenas por meio de ações pontuais, mas sim por uma transformação estrutural que envolva: o fortalecimento das políticas públicas específicas e contextualizadas; o reconhecimento jurídico dos territórios tradicionais; o incentivo à economia de base local; e a valorização dos modos de vida que respeitam a floresta e os conhecimentos tradicionais. Apostar nas potencialidades do campesinato varzeano é, portanto, um caminho estratégico para promover a sustentabilidade da Amazônia como um todo, protegendo não apenas seus recursos naturais, mas também os povos que historicamente a mantêm viva.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ACSELRAD, H. **Justiça ambiental e construção social do risco**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.
- ALTIERI, M. A.; TOLEDO, V. M. **The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants**. Journal of Peasant Studies, v. 38, n. 3, p. 587–612, 2011.
- BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. **Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management**. Ecological Applications, v. 10, n. 5, 2000.
- BRUNDTLAND, G. H. **Relatório Brundtland: Nosso Futuro Comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1987.
- CARNEIRO, M. J. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e de produzir no campo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- FEARNSIDE, P. M. **Gold mining and mercury contamination in the Brazilian Amazon: threats to fishery resources, health, and rural livelihoods**. Environmental Science & Policy, 100, 2019.
- GAIGER, L. I. **A economia solidária no Brasil: avanços e limites**. São Leopoldo: Unisinos, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- LITTLE, P. E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Manaus: UEA Edições, 2002.
- MENDONÇA, M. L. et al. **Amazônia: Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Belém: NAEA, 2020.
- NAIR, P. K. R. An Introduction to Agroforestry. **Dordrecht**: Kluwer Academic Publishers, 1993.
- NOBRE, C. A. **O futuro climático da Amazônia**. São Paulo: INPE, 2014.
- OLIVEIRA, A. U. **Direitos territoriais e sustentabilidade: os desafios da regularização fundiária na Amazônia**. Revista de Estudos Socioambientais, n. 1, 2006.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, B. de S. **A Crítica da Razão Indolente**. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, J. M. **Cooperativismo solidário e desenvolvimento territorial**: práticas de resistência e produção social. Revista Campo-Território, v. 7, n. 13, 2012.

TOLEDO, V. M. **Ecologia e campesinato**: elementos para uma abordagem sociológica da sustentabilidade. Revista Ciência & Cultura, v. 42, n. 7, 1990.